

A epidemia de gripe espanhola de 1918/1919 na Cidade de Goiás-GO ¹

Leandro Carvalho Damacena Neto. *

Resumo: Constituído através de um quadro de diálogo entre História e Medicina com ênfase na temática história da saúde e das doenças, este trabalho visa analisar a representação social da epidemia de gripe espanhola que grassou na cidade de Goiás no final do ano de 1918 e início de 1919. A pesquisa visa romper com o silenciamento do tema na historiografia de Goiás. No decorrer do século XX, várias doenças como a varíola, a malária entre outras, foram diagnosticadas, mas outros males surgem com poder destrutivo constituindo uma nova ameaça infecciosa. Segundo Brito, apesar de promissora, a revolução genética ainda não conseguiu minimizar a vulnerabilidade humana no planeta. Por isso, continuam incitando o afloramento de remotos sentimentos de medo às 'pestes'. (BRITO, 1997: 27) A relevância da pesquisa é percebemos os significados desse 'medo' com a ameaça no ano de 1997 de uma epidemia de gripe aviária, a chamada "gripe do frango" havendo a possibilidade desta se tornar uma pandemia global, a esquecida gripe espanhola é lembrada, possibilitando várias argumentações sobre o devir. E no ano de 2008, com os surtos de febre amarela em Goiás e o de dengue no Rio de Janeiro e em outras regiões do Brasil.

Palavras-chave: gripe espanhola; historiografia, medo; medicina; representação.

Abstract: Formed by a framework of dialogue between history and medical history with emphasis on issues of health and illness, this work aims to analyze the social representation of the Spanish influenza epidemic that rages in city of Goiás at the end of 1918 and beginning of 1919 . The research aims to break with the silencing of the theme in historiography of Goiás During the twentieth century, many diseases such as smallpox, malaria, among others, were diagnosed, but other problems arise with destructive power is a new infectious threat. According to Brito, although promising, the genetics revolution has not yet managed to minimize the vulnerability in the human world. So, still encouraging the remote outcrop of feelings of fear the 'pests'. (BRITO, 1997: 27) The relevance of research is understand the meaning of 'fear' with the threat in 1997 of an epidemic of avian influenza, known as "the chicken flu" with the possibility of becoming a pandemic Overall, the forgotten Spanish flu is recalled, allowing various arguments about becoming. And in the year 2008, with outbreaks of yellow fever in Missouri and of dengue in Rio de Janeiro and other Brazilian regions.

Keywords: Spanish flu; historiography, fear; medicine; representation.

A gripe espanhola de 1918/1919.

A gripe espanhola de 1918 é considerada um dos maiores enigmas da história. Até a atualidade constitui uma incógnita para a comunidade médica, sabe-se hoje que a *influenza* em geral origina-se do vírus da gripe aviária. No entanto, quando a pandemia gripal de 1918 assolou quase todas as partes do mundo, pouco se sabia a respeito de sua “nosologia e

¹ Este texto é um breve *ensaio* sobre a pesquisa que iniciei no ano de 2009 no Mestrado em História Cultural/UFG.

* Mestrando em História Cultural/UFG.

tratamento, juntando-se a uma série de outras doenças que adquiriram caráter epidêmico em outros momentos, como a peste bubônica, a varíola, a disenteria, o tifo e a sífilis” (BERTOLLI, 1986).

No decorrer do século XX, várias doenças como a varíola, a malária entre outras, foram controladas, mas outros males surgem com poder destrutivo, como por exemplo, o vírus da AIDS e EBOLA, que constitui uma nova ameaça infecciosa. Segundo Brito, apesar de promissora, a revolução genética ainda não conseguiu minimizar a vulnerabilidade humana no planeta. Por isso, continuam incitando o afloramento de remotos sentimentos de medo às ‘pestes’. (BRITO, 1997: 27) Recentemente, percebemos os significados desse ‘medo’ com a ameaça no ano de 1997 de uma epidemia de gripe aviária. E no ano de 2008, com os surtos de febre amarela em Goiás e o de dengue no Rio de Janeiro e em outras regiões do Brasil.

A epidemia de gripe espanhola chega ao Brasil no final do mês de setembro de 1918, segundo pesquisadores da epidemia, a espanhola desembarca com a chegada do paquete inglês *Demerara* em setembro. (GOULART, 2005: 136) Nesse período, a Imprensa e os responsáveis pela saúde pública, punham em dúvida a existência da espanhola no Brasil, talvez pela fragilidade das políticas de saúde do Estado brasileiro. (SANTOS, 2006: 138)

A gripe espanhola chega ao Estado de Goiás no caminho percorrido pela estrada de ferro, ou seja, no final do ano de 1918 ela grassa primeiramente nas cidades que fazem parte do itinerário da ferrovia: Catalão, Ipameri e, em outras cidades. As autoridades sanitárias da capital do Estado, como medida profilática, realizam um cordão sanitário na cidade de Areias para impedir que a epidemia chegue até a capital, entretanto, essa medida se torna obsoleta, pois, “foi mandado recolher, por inútil, o cordão sanitário, recolhendo-se à capital o Dr. Alípio Silva, digno inspetor de hygiene, que se acha grippado”.²

Com a ineficiência da medida profilática de isolamento em uma doença contagiosa, como a gripe, vemos os esculápios aceitarem a desconfortável ameaça da epidemia na cidade de Goiás,

Estando esta Capital na imminencia de ser invadida pela influenza hespanhola, o Presidente do Estado, de commum accordo com o Intendente Municipal, resolveu tomar todas as medidas necessárias para impedir, o desenvolvimento do terrível flagello entre nos.³

² *Jornal Nova Era*, Goyaz, 9 de Janeiro de 1919. Microfilme. Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central. Doravante IPEHBC.

³ *Jornal Correio Oficial*, Goyaz, 9 de dezembro de 1918. Microfilme. IPEHBC.

As medidas necessárias que foram tomadas pelo poder público estadual e municipal não impediram que a epidemia de gripe espanhola chegasse à cidade de Goiás, como nos informa com certo tom de sensacionalismo o colunista do *Jornal Nova Era* aludindo à epidemia o nome do diretor, Carlos Seidl da Diretoria Geral de Saúde Pública/RJ (DGSP)⁴,

A capital é, afinal, invadida pelo mal de Seidl... Burladas todas as precauções tomadas, veio afinal a irromper nesta Capital, desde o dia 2 do corrente, o terrível *morbus* que tantos milhões de victimas tem feito no mundo inteiro. A “Influenza espanhola” assentou finalmente a sua tenda de devastação entre nós e há dias vemos cahirem aos punhados, às dezenas, as victimas da pavorosa pandemia.⁵

A pandemia de gripe em todas as localidades que grassou, foi ceifadora de vidas, pesquisadores da pandemia afirmam que a mesma vitimou no mundo em 1918-1919 cerca de vinte milhões de pessoas, esses dados estatísticos são considerados conservadores, segundo consenso entre os pesquisadores à pandemia de gripe vitimou naqueles anos, sessenta milhões de pessoas pelo mundo.

Eliézer Cardoso de Oliveira pesquisador da gripe espanhola em Goiás nos remete as proporções que a epidemia alcançou no Estado,

Efeitos mórbidos da gripe espanhola em Goiás poderão ser muito maiores do que se imagina. Não é todo improvável que o número de vítimas fatais da epidemia de gripe tenha sido mais de duas mil, o que corresponderia a cerca de quase 1% da população do Estado, quinhentos mil na época, uma proporção equivalente à média nacional. (OLIVEIRA, 2006: 163)

Os dados estatísticos nos revelam que nas localidades onde a Influenza espanhola grassou, a média de óbitos foi de 1% da população, um exemplo claro desses dados é a cidade de São Paulo com aproximadamente quinhentos mil habitantes em 1918, a epidemia vitimou cerca de cinco mil pessoas, ou seja, 1% da população. (BERTOLLI FILHO, 1986). Concordo com Brito, quando refere que “os dados brutos, de suma importância em tempos de epidemia – constituem apenas um dos fatores a considerar”, temos que dar relevância, “aos gestos, aos ritos, aos discursos e as imagens que são igualmente relevantes, enquanto criações do imaginário coletivo na sua relação com uma passagem obrigatória para toda existência humana”. (BRITO, 1997: 13)

Historiografia brasileira e gripe espanhola

A epidemia de gripe espanhola de 1918 no Brasil é objeto de constantes pesquisas a partir dos anos 1980. Na capital paulista ela constituiu objeto de pesquisa de autores como Bertolli Filho (1986), que em seu estudo tentou “desconstruir” o discurso “democrático da

⁴ A Imprensa e a Opinião Pública, levantou duras críticas a inoperância de Seidl frente a epidemia, que fora demitido no dia 17 de outubro de 1918. (BRITO: 1997, p. 20 e 21)

⁵ *Jornal Nova Era*, Goyaz, 9 de Janeiro de 1919. IPEHBC.

gripe”. Outra autora que tem como objeto de estudo a epidemia de gripe em São Paulo é Liane Bertucci (2002) que ressalta a difusão da medicina popular durante a epidemia.

A Influenza espanhola em Salvador foi objeto de pesquisa da autora Christiane Maria Cruz de Souza. Na cidade do Rio de Janeiro, Adriana da C. Goulart (2003; 2005) pesquisou a epidemia de gripe, dando ênfase nos aspectos políticos. Outra autora que pesquisou a epidemia no Rio de Janeiro foi Nara Azevedo de Brito (1997) propôs, analisar o impacto psicológico e social da epidemia, a partir do registro dos acontecimentos na imprensa carioca. A Influenza espanhola em Goiás e a varíola parecem ter sido temas “renegados” pela historiografia goiana “talvez não se encaixe bem nos conceitos padrões da concepção racionalista, talvez por que os historiadores não quisessem pesquisar temas tão macabros ou (insignificantes)” (OLIVEIRA, 2006: 166).

A autora Gilka Salles no seu estudo intitulado “Saúde e Doenças em Goiás (1826-1930)”, dedica uma página do seu trabalho para referir sobre a epidemia de gripe espanhola na cidade de Goiás, cita duas vezes o Jornal Correio Oficial informando os sintomas da doença e as medidas profiláticas a serem adotadas pela população.

O autor de grande importância para a historiografia da gripe espanhola em Goiás é Eliézer Cardoso de Oliveira, em sua tese de doutorado intitulada “As Representações do Medo e das Catástrofes em Goiás”, o autor reflete sobre as representações da população goiana durante a epidemia de gripe, ressalta os silenciamentos da gripe espanhola em Goiás.

A importância da presente pesquisa se traduz, tendo a gripe espanhola na cidade de Goiás como objeto de estudo. A gripe espanhola é um tema praticamente escasso na historiografia goiana, pretende-se analisar o significado da epidemia de gripe na cidade de Goiás. Sendo esse Estado, considerado parte integrante dos sertões pela Liga Pro - Saneamento do Brasil, que se referiam as péssimas condições de saúde dos brasileiros que viviam no interior do país.

A epidemia de gripe espanhola e os problemas com as fontes.

A autora Gilka Salles no seu estudo intitulado “Saúde e Doenças em Goiás (1826-1930)”, dedica uma página do seu trabalho para referir sobre a epidemia de gripe espanhola na cidade de Goiás, porém, nos dá uma contribuição muito importante quando questiona as *causas mortis* de muitas pessoas no período epidêmico “sem que associassem os sintomas à realidade epidêmica da influenza” (SALLES, 1999: 96).

A virulência que a epidemia de gripe grassou é explicada pela associação do vírus da gripe com bactérias que causam a pneumonia e outras complicações, depois que os sintomas das vítimas evoluíam, dificilmente a pessoa se tornava um convalescente. Portanto, diversas pessoas na cidade de Goiás no período epidêmico foram diagnosticadas com doenças pneumônicas e outras, mas possivelmente suas *causas mortis* foram à gripe espanhola.

No estudo detalhado da documentação referente às *causas mortis*, como os atestados de óbitos expedidos durante o período epidêmico,

Qualquer historiador que procure reconstruir um quadro nosológico das sociedades passadas enfrentará inúmeros desafios. É a ausência de padronização dos registros, pois em alguns períodos o documento apresenta riqueza de detalhes e em outros, sequer a causa da morte é registrada. (MAGALHÃES, 2004: 119)

Na análise desta documentação, enfatizaremos os cuidados metodológicos de Sônia Maria de Magalhães. No presente trabalho, a ênfase no estudo das *causas mortis* na cidade de Goiás é de fundamental importância para esclarecer as proporções do flagelo causado pela pandemia de gripe em Goiás.

Abordaremos algumas fontes de cunho memorialistas, por exemplo, o diário de Anna Joaquina, moradora da cidade, contemporânea a epidemia, que nos relata a suspensão das aulas: “o Intendente mandou ordem às professoras para ficar em férias até que a epidemia de febre Hespanhola termina, para não haver desculpa de aglomeração de gentes reunidos”⁶.

Essa aproximação entre memória e história presente nas duas últimas décadas na historiografia, trouxe a revalorização de alguns temas históricos, ressaltando a identidade de grupos marginalizados pela memória coletiva ou pela historiografia dominante, a memória de cunho memorialístico e oral é de imprescindível importância para trazer novos enfoques e formas de escrita da história.

No século XIX a morte era tratada de maneira peculiar no Brasil, tinha-se todo um rito antes da morte, nos funerais e nos sepultamentos. O autor João José Reis estuda o cotidiano da morte no Brasil,

a boa morte é uma das maiores preocupações dos homens e das mulheres, as concepções sobre o mundo dos mortos e dos espíritos, a maneira como se esperava a morte, o momento ideal de sua chegada, os ritos que a precediam e o sucediam, o local da sepultura, o destino da alma, a relação entre vivos e mortos, eram questões sobre as quais muito se pensava, falava, escrevia e em torno das quais se realizavam ritos, criavam-se símbolos... (REIS, 2002: 96).

No momento da morte a pessoa não ficava sozinha, esperava-a em seu leito envolta de outras e quando católico de um padre. Todo o ritual da morte tinha que ser seguido veemente,

⁶ Memorial de lembranças de Anna Joaquina da Silva Marques – vol. 2 – 1900-1919. IPEHBC. Goiânia, 2006, p. 480.

senão a alma do defunto estava comprometida a arder no inferno. No decorrer da pesquisa procuraremos perceber se houve mudança nas representações da morte no imaginário da população no período epidêmico. Na cidade de Goiás os sepultamentos eram realizados dentro das igrejas até meados de 1840, segundo a autora Cristina de Cássia Pereira Moraes “proibiram-se os enterros no interior das igrejas somente quando foi construído o cemitério público, este ficaria pronto em 1859” (MORAES, 1999: 146).

É necessário compreendermos que essas práticas culturais acerca da morte gradativamente se tornaram objeto de proibições com as medidas sanitárias. A reflexão simbólica em torno da morte, não cessa com decreto de leis e proibições, as *mentalidades*, como diria Braudel, é o *tempo da longa duração*, onde tudo se movimenta mais lentamente, de maneira quase imperceptível e o que podemos perceber é que tais práticas simbólicas são historicizadas na ação, sendo constantemente *ressignificadas*.

Possibilidades teóricas de análise da epidemia de gripe espanhola na Cidade de Goiás-GO.

A ênfase na dicotomia entre Litoral e Sertões é de fundamental importância no presente trabalho, pois as interpretações do Brasil realizadas por intelectuais, costumavam dividir o Brasil em duas grandes áreas geográficas, o Litoral e os Sertões. Essas duas grandes áreas tinham duas matrizes de interpretações generalizantes.

A primeira interpretação primava por uma valorização negativa dos sertões, “vista como o espaço dominado pela natureza e pela barbárie, e o litoral que não significava simplesmente a faixa de terra junto ao mar, mas principalmente o espaço da civilização” (LIMA, 1999: 60).

A segunda exaltava os sertões como o “verdadeiro” Brasil, “a civilização da autenticidade, o litoral era visto como civilização de “copistas”, ou seja, da inautenticidade” (LIMA, 1999: 63- 64).

Vejo uma problemática nessas interpretações ambivalentes, a primeira pautada na análise do “meio” e da “raça”, tendo no personagem do mestiço a representação do brasileiro indolente, essa interpretação analisava os sertões por meio de teorias européias, como o *evolucionismo*. A segunda interpretação, compactuava com a “idealização romântica” dos sertões, na qual o mestiço de indolente passa a ser visto como o “verdadeiro” brasileiro, principalmente após as expedições científicas de Oswaldo Cruz ao interior do Brasil,

constatou que o “*Brasil era um imenso Hospital*”, não mais a raça e o meio era culpado pelo o atraso do sertão e sim as doenças.

No recorte temporal estudado, 1918 e 1919, ou seja, na segunda década da Primeira República, existiam projetos de integrar os sertões ao Brasil, eram as chamadas missões civilizatórias:

as de Cândido Rondon, a do astrônomo Louis Cruls em 1892 ao Planalto Central visando à mudança da capital e as expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz... Essas viagens estavam associadas a projetos modernizadores como: as construções de ferrovias, avaliações da Inspeção de Obras Contra as Secas, a construção de linhas telegráficas. (LIMA, 1999: 65-66)

As expedições realizadas ao interior do Brasil, nas primeiras décadas do século XX, tinham como fora dito acima, a missão de incorporar os sertões ao mundo da civilização, a Liga Pro Saneamento do Brasil constatou as diversidades de doenças que acometiam os brasileiros, e ressaltou a ausência de política de saúde pública nas vastas regiões do país. Porém, a modernização, o progresso e a incorporação de Goiás à civilização, tanto exaltado pela historiografia goiana, não trouxera somente benefícios à população, concordo com o autor Eliézer Cardoso de Oliveira quando o mesmo nos alerta,

O automóvel e o trem-de-ferro, juntos, foram responsáveis pela “reintegração de Goiás à economia nacional”. No entanto o que quase ninguém nota é que as estradas de ferro e rodagem facilitaram a transmissão da gripe espanhola no Estado. Houve festas grandiosas com a chegada dos trilhos da estrada de ferro em Ipameri em 1913 (sic); certamente ninguém imaginou que esta mesma ferrovia, três anos depois, traria a mortífera epidemia, fonte de dor e sofrimento. (OLIVEIRA, 2006: 164-165)

A estrada de ferro e as estradas de rodagens em Goiás contribuíram significativamente para a integração da economia goiana à economia nacional, mas também integraram com maior intensidade o contato da população com diversas doenças, a gripe espanhola que grassava no mundo e no Brasil a varíola.

A epidemia de gripe pode ser considerada uma ocorrência catastrófica, ela está entre as catástrofes que mais mortalidade causou na humanidade superando em números de óbitos a Primeira Guerra Mundial, a fome no mundo e outras ocorrências catastróficas naturais. (OLIVEIRA, 2006).

A gripe espanhola ocasionou nas sociedades onde grassou, aquilo que o autor Giddens denominou de “situação crítica”, “são circunstâncias de disjunção radical do tipo imprevisível, que afetam uma quantidade substancial de indivíduos, situações que ameaçam ou destroem as certezas de rotinas” (GIDDENS, 2003: 70).

A capital goiana nos anos de 1918 e 1919 se viu diante de uma “situação crítica” de alteração das práticas cotidianas tradicionais, prevalecendo,

uma quebra de rotina, isso explica o surgimento de novas maneiras de ver o mundo ou de relacionar com a sociedade. Sair da rotina quebra as certezas, abrindo novas possibilidades para criar algo novo ou para valorizar o antigo... A quebra da rotina não dura para sempre, talvez se possa pensar numa “rotinização das catástrofes” de forma parecida a que Weber pensou a rotinização do carisma: da mesma forma que os seguidores do profeta, mais cedo ou mais tarde, irão cuidar dos seus interesses materiais, as pessoas atormentadas pelas catástrofes, apesar do trauma, vão ter que cuidar das suas vidas. Elas irão criar novas ou voltar para antigas rotinas. (OLIVEIRA, 2006: 246).

Durante a “situação crítica” ocasionada pela gripe espanhola, as pessoas mesmo traumatizadas tiveram que dar “seguimento” em suas vidas, a “quebra de rotina não dura para sempre”, o estudo do “cotidiano epidêmico” na cidade de Goiás nos esclarece muito sobre as representações sociais do período, se houve manutenção ou não das práticas sociais vigentes.

A desarticulação social ocorrida em uma sociedade tradicional como a goiana pode ser ainda mais acentuada que em localidades maiores. A cidade de Goiás no ano de 1918 tinha uma população de dez mil habitantes - se comparada com a Capital Federal com 1 milhão de habitantes -, o autor Oliveira nos refere que o flagelo de gripe ocasionou um maior “impacto sociológico”,

o número de vítimas fatais da “Espanhola” na cidade de Goiás não tenha provocado cenas dantescas como nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, onde as pessoas eram enterradas em valas coletivas... a cidade de Goiás pode ser caracterizado pelo que Simmel denomina de “conhecibilidade mútua”, isto é, relações sociais influenciadas pelo fato de todos conhecerem todos. Nesse sentido, a morte de pessoas conhecidas, muitas delas parentes, chocava tanto ou mais do que a dos “anônimos” das metrópoles. (OLIVEIRA, 2006: 158-159).

Além do “impacto sociológico” ocasionado com o aumento do número de óbitos em uma sociedade de “conhecibilidade mútua” em que os falecidos são sempre pessoas conhecidas ou parentes, também temos o “impacto psicológico” na rotina dos ritos tradicionais presentes naquela sociedade,

“o impacto psicológico dos rituais católicos relacionados ao sepultamento. O badalar dos sinos podia ser ouvido a até seis quilômetros de distância e a sonoridade informava se o finado era “anjinho”, “pecador”, “homem” ou “mulher”, fazendo com que o “toque de morte fica(sse) impregnado na alma das pessoas, o que lhes trazia o sentimento de pesar” (REBELLO Apud OLIVEIRA, 2006: 159).

Com a Influenza espanhola o número de mortes na cidade de Goiás aumentara, “houve até esta data 80 óbitos ocasionados pela gripe espanhola nesta Capital”⁷, portanto os sinos tocavam mais constantemente informando a morte, se tornando fonte de medo e agonia da população da capital. Com o presente estudo pretende-se compreender a representação da morte na cidade de Goiás e as alterações nos ritos tradicionais durante a epidemia de gripe.

⁷ Jornal Correio Oficial, Cidade de Goiás, 8 de fevereiro de 1919. IPHBC.

As práticas de cura do saber popular e médico na cidade de Goiás eram caracterizadas por práticas de curandeiros, de raízeiros, até mesmo os parcos médicos que atuavam em Goiás tanto quanto a população “se valiam de plantas e raízes medicinais da flora local..., os minerais e substâncias químicas industrializadas presentes nos compostos homeopáticos eram usados menos frequentemente” (MAGALHÃES, 2004: 192).

A população goiana “acreditava nas mesmas credices existentes no interior das demais regiões brasileiras”, “o remédio podia situar-se hora na medicina religiosa, outras vezes na mágica, bem como na empírica, esse conjunto de saberes se constituía na “medicina popular”, segundo Cascudo eram fundamentos essenciais das culturas africana, indígena e portuguesa” (MAGALHÃES, 2004: 197).

Eliézer Cardoso de Oliveira ressalta o esquecimento/ ou silenciamentos da gripe espanhola em Goiás, destacando dois elementos que contribuem para a invisibilidade da epidemia:

“Primeiro, ela era um elemento anômalo e indesejado para os planos desenvolvimentistas da elite dirigente goiana; Segundo as atenções do Governo, dos meios de comunicação e até da população voltaram-se para a “Chacina do Duro”, relegando a gripe espanhola a segundo plano” (OLIVEIRA, 2006: 166).

Oliveira contribui significativamente mostrando caminhos e propostas de abordagens para se estudar a gripe espanhola em Goiás.

Pretende-se com as propostas discutidas na presente pesquisa dar ênfase na compreensão do significado da epidemia de gripe espanhola na cidade de Goiás e como ela se inseriu no universo de representações existentes na sociedade goiana.

Fontes:

Jornais: Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC), Correio Oficial, Goyaz, Outubro, Novembro e Dezembro de 1918. Microfilme; IPEHBC; Nova Era, Goyaz, Janeiro de 1919. Impresso. IPEHBC.

Memorial de lembranças de Anna Joaquina da Silva Marques. Vol. 2 – 1900-1919 Goiânia: IPEHBC, 2006.

Referências Bibliográficas:

BERTOLLI FILHO, Cláudio. *Epidemia e Sociedade: a gripe espanhola no município de São Paulo*. São Paulo, 1986, 482p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

- BERTUCCI, Liane Maria. *Influenza, a medicina enferma*. Tese de doutoramento, Campinas, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- BRITO, N. A. 'La Dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro'. *Hist., ciênc., saúde*. Manguinhos, vol, 4, n. 1, p. 11-30, mar-jun, 1997.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. SP: Companhia das letras, 1996.
- DAMACENA NETO, Leandro Carvalho. *Diálogos entre História e Medicina: a discussão médico-científica sobre a epidemia de gripe espanhola de 1918*. *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico*, v. 93, p. 01-06, 2009.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GOULART, Adriana da C. *Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Niterói, UFF, 2003.
- LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ/UCAM, 1999.
- MAGALHÃES, Sônia Maria de. *Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX*. Franca, Tese (Doutorado em História), Unesp, 2004.
- MORAES, Cristina de Cássia Pereira. 'O Hospital São Pedro de Alcântara e os trabalhadores na cidade de Goiás (1830-1860)'. In: FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira. *Saúde e doenças em Goiás. A Medicina possível*. Goiânia: Editora UFG, 1999, p.129-168.
- OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. *As representações do medo e das catástrofes em Goiás*. Brasília. 2006, 359p. Tese (Doutorado em Sociologia). Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília.
- PAZIANI, Rodrigo Ribeiro. *Outras leituras da cidade: experiências urbanas da população de Ribeirão Preto durante a Primeira República*. In: *Revista Tempo*, UFF. Rio de Janeiro, vol, 10, n. 19, pp.175-200, jul – dez. 2005.
- REIS, José Carlos. 'O cotidiano da morte no Brasil oitocentista'. In: ALENCASTRO, Luiz Filipe (org.). *História da vida privada no Brasil (2): império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p. 96-143.
- SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. 'Saúde e doenças em Goiás (1826-1930)'. In: FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de. *Saúde e doenças em Goiás. A Medicina possível*. Goiânia: Editora UFG, 1999, p. 63-127.